

6.05.01 -Planejamento Urbano e Regional / Fundamentos do Planejamento Urbano e Regional

## FLÁVIO VILLAÇA: TEORIA, POLÍTICA E HISTÓRIA

Júlio de Campos Andrade Lamparelli<sup>1</sup>, Paulo Cesar Xavier Pereira<sup>2</sup>

1. Estudante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP)
2. Professor do Departamento AUH da FAU-USP/ Orientador

### Resumo

Este texto contém uma breve exposição dos resultados da Iniciação Científica “Uma discussão sobre Mercadoria, Valor e Terra em Flávio Villaça”; pesquisa que durou dois anos, de 2018 a 2020. Uma vez que, segundo nossas conclusões, os diversos temas contidos na obra do autor formam uma só unidade crítica, esta apresentação seguirá os três momentos de sua constituição: a hipótese do “valor da Terra-Localização”, a teoria da “segregação urbana” e, por último, as considerações históricas do autor sobre o planejamento urbano no Brasil. O esforço de apresentação se dá no sentido de propor a articulação entre os três momentos, sobretudo no que tange aos seus impasses. O termo final, que é por si mesmo histórico, permite enfim que a problematização aqui almejada seja lançada à luz do presente.

**Palavras-chave:** Planejamento; Urbanização; Localização

**Apoio financeiro:** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

**Trabalho selecionado para a JNIC:** Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo (PRP-USP)

### Introdução

A obra de Flávio Villaça tornou-se referência obrigatória para o estudo crítico das cidades brasileiras (2001 [1998], 2012). Além do mérito de seu conteúdo, é preciso enfatizar sua importância histórica, que pode ser desdobrada em dois sentidos: em termos retrospectivos, sua obra condensa a cultura intelectual da geração que ingressou, em chave progressista, no horizonte da assim chamada “abertura democrática”, munida então de um novo repertório crítico sobre o *apartheid* urbano brasileiro; em termos prospectivos, por sua vez, seus livros foram fundamentais para a formação de uma nova geração de planejadores urbanos, responsável em grande medida pela operacionalização política daquele repertório. Se hoje contamos com um Estatuto da Cidade, programas de expansão do mercado habitacional, além de uma gama de instrumentos urbanos de captura do “valor da terra” para o progresso social, devemos ao relativo sucesso daqueles esforços.

Não obstante, a realização política do repertório ensejou um insucesso, que é a insistente sobrevida da desigualdade urbana. E a obra de Villaça, posicionada entre uma geração e outra, contém em si mesma o registro das contradições do processo, consolidando-se na passagem da teoria à política. Diante do impasse presente, e caso queira se firmar sobre bases sólidas, o compromisso intelectual e político da terceira geração deve, assim, compreender a obra de Villaça como uma pedra angular, rendendo-lhe a devida homenagem no momento de sua partida. Homenagem que só terá efeito, naturalmente, se for de natureza crítica.

Nestas linhas faremos uma breve exposição dos resultados de nossa pesquisa, dedicada ao estudo da obra do autor, e cuja natureza crítica é, até onde pudemos ter notícia, pioneira. O texto que se segue respeita a ordem da investigação científica, o que também favorece a exposição: partimos do núcleo mais teórico da obra, passando por suas hipóteses políticas, até atingir sua determinação histórica mais imediata. A hipótese do “valor da Terra-Localização”; a teoria política da “segregação urbana”; e a história do planejamento urbano no Brasil, respectivamente. Vale dizer que, devido ao caráter sumário da exposição, não desenvolveremos aqui o conteúdo específico de cada momento.

### Metodologia

Para os fins da pesquisa, as metodologias se distinguiram conforme os referidos “momentos” do objeto. No mérito de perceber os fundamentos conceituais da hipótese do valor da “Terra-Localização” de Villaça

(1980, 1985, 1986a, 2001 [1998], 2012), reduzimos o método inicial ao cotejamento bibliográfico: de um lado, a obra do autor, de outro, sua “matriz teórica”, a Crítica da Economia Política. Pelo primeiro lado, realizamos um levantamento bibliográfico no acervo da FAUUSP, de modo a compor um panorama geral da obra do autor. Do levantamento realizamos uma sistematização por temas e, a seguir, definimos o recorte para o tema em questão, a partir do qual foi possível traçar uma breve história do conceito de localização, tal como ele foi aparecendo nos escritos de Villaça. A história descrevia, por sua vez, uma ruptura importante no interior dos textos, delimitada na década de 1980 e antecedida, então, por textos de orientação “marginalista” (VILLAÇA, 1973a, 1973b, 1978a). O que nos abriu, evidentemente, uma segunda “matriz” a ser eventualmente investigada (GOODALL, 1972; HOOVER, 1967; LOWRI, 1972). Já no que tange ao lado da plataforma marxista, o estudo aconteceu em dois níveis: fichamento de trechos da obra de Marx propriamente dita, selecionada de acordo com as categorias em jogo na hipótese de Villaça – mercadoria, valor e terra – e o estudo e fichamento de comentários (FAUSTO, 1983; GRESPAN, 2019; ROSDOLSKY, 2001; SCHMIDT, 1972).

O segundo momento consistiu no ampliação da bibliografia de Villaça, já previamente levantada, em direção ao tema mais político: o problema da segregação urbana (VILLAÇA, 1978b, 1986a, 1999a, 2001, 2012). Realizamos o estudo e o fichamento dos textos, acompanhada de uma tentativa de sistematização entre temas. A discussão política encerrava, todavia, um terceiro caminho a ser investigado, que era o pano de fundo histórico da própria teoria.

A última extensão temática incluiu, assim, o estudo dos textos dedicados à história do planejamento urbano no Brasil (VILLAÇA, 1995, 1999b, 2010 [1999]) bem como outros textos de apoio (SINGER, 1994; MONTE-MÓR, 2019 [1980]; IANNI, 1977, NERY JR., 2002; OLIVEIRA, 2003 [1972]). A meio caminho da antologia para a biografia, por seu turno, realizamos o levantamento do processo acadêmico de Villaça, disponibilizado pelo Departamento de História da FAUUSP, no qual foi possível perceber não só a visão do autor sobre sua própria obra (VILLAÇA, 1989), como também seu histórico profissional. Já no sentido biográfico propriamente dito, fizemos também uma série de entrevistas, que foram por nós transcritas, na tentativa de abarcar as duas gerações implicadas em sua trajetória de vida. Foram entrevistados, além do próprio autor: Celso Lamparelli, Andreina Nigriello, Maria Cristina Leme e Maria Lúcia Refinetti. Como produto final, na tentativa de articulação entre história e obra, fizemos uma linha do tempo de 1929 até 2012, e um artigo, ainda não publicado, no qual pretendeu-se historicizar os dilemas conceituais presentes nos escritos de Villaça.

## Resultados e Discussão

O desenvolvimento do primeiro eixo temático nos levou a constatar que, apesar da anunciada ruptura marxista de 1980, havia uma continuidade tácita da teoria marginalista no interior dos textos de Villaça. Não só o conceito de “localização intraurbana” havia sido lançado pela Economia Urbana norte-americana, definida como “economia em gasto de tempo de deslocamento”, como também sua própria determinação enquanto mercadoria devia àquela escola: uma mercadoria cujo valor é expressão de sua utilidade – a saber, as “economias externas” auferidas em seu uso privado. Ainda que o autor considerasse, posteriormente, o valor de sua mercadoria como “tempo de trabalho socialmente necessário”, a hipótese da “Terra-Localização” ainda preservava, como halo oculto, a determinação do valor como utilidade de um bem.

A continuidade ganhou seu conteúdo político no tema da segregação urbana. Posto que as boas localizações encarnariam mais valor, as classes dirigentes, sobretudo no Brasil, haveriam de impor seu poder político sobre o Estado e o Mercado, comandando indiretamente a produção do espaço de modo a monopolizar, para si, as boas localizações e seus valores. O próprio autor entende, contudo, que tal valor capturado não é “mais-valia”: não sendo oriundo da esfera da produção, tal “valor” deveria sua existência ao “trabalho de toda a cidade dispendido em dado período de tempo”, um trabalho que, por sua vez, parece se locomover somente na esfera da distribuição – no caso, a distribuição desigual entre localizações no espaço, a “produção do espaço”. O eixo da luta de classes se desloca, assim, da esfera da produção para a esfera da circulação, de tal modo que a teoria política deixa de ser, a rigor, uma teoria das classes, tornando-se antes uma teoria da competição desigual no mercado, ainda que vislumbre a partir daí a formação de grupos de poder.

Se, por sua vez, a história de nossa urbanização teria sido, até aqui, a história da segregação urbana – conforme o autor desdobra em seus escritos históricos – caberia à luta política encerrar o ciclo, *i.e.*, promover a justa distribuição da “mercadoria-localização”. Não obstante, a “doutrina” da intervenção pontual no mercado também era um legado da Economia Urbana: a diferença é que, agora, ela ganhava um aspecto político determinado, pois o próprio conteúdo da “distorção” a ser corrigida era, no caso brasileiro, político. No mérito da tarefa, surge a antevisão de um “planejamento urbano popular”, que ganhou corpo nas tentativas progressistas da prefeitura de Erundina (1989-92), na qual Villaça participou ativamente. Era a chance histórica para se promover o combate à segregação: capturar a “valorização imobiliária” das mãos das classes dirigentes e revertê-la, enfim, na forma de políticas de expansão do mercado habitacional.

## Conclusões

Vimos que a hipótese marxista do “valor da Terra-Localização”, partindo do pressuposto marginalista, manifestou-se como unidade entre valor e valor de uso da mercadoria; a teoria da luta de classes no espaço, como uma teoria neoclássica da competição desigual (cf. HARVEY, 1982); a missão histórica de combate à

injustiça social, como politização dos instrumentos liberais de ajuste no mercado. Não cabendo a nós o julgamento apriorístico de tais efeitos, vale, no entanto, perceber seu sentido histórico, bem como seu limite.

Lembremos que as formulações marginalistas tiveram lugar durante os anos do regime militar, quando o autor era ainda um *urban planner* em exercício. Tratava-se, em suma, de elevar o rendimento da “máquina urbana”, o que exigia tanto o arranjo virtuoso das localizações intraurbanas, quanto o equilíbrio de sua oferta e de sua demanda. Na soleira dos anos 1980, contudo, o autor percebe que tais aspirações técnicas eram inócuas e, como saldo final, a ditadura havia cevado uma grande ilusão: os planos técnicos iam para as gavetas, o equilíbrio de mercado seguia violado, e a segregação urbana continuava em voga. Foi, portanto, no mérito de sua irrealdade que Villaça atestou, em tese conhecida, que os planos urbanos da ditadura eram “ideologia” (cf. escritos históricos). E isso de tal modo que a resposta para o impasse, tendo surgido com o processo de abertura democrática, resumiu-se à passagem da técnica para a política, bem como da ideia para a realidade. Quer dizer, a crítica da ideologia coincidia, aqui, com a realização das promessas que foram produzidas e engavetadas durante a ditadura. Ainda que a tarefa reivindicasse para si o espírito das Reformas de Base, cortadas abruptamente pelo golpe de 1964, é forçoso dizer que seu renascimento não passou ileso aos 21 anos de regime: se a justiça social voltou a ser o fim, o mercado já era um meio inegociável (ARANTES, 2007, 2010). Marxismo e marginalismo puderam finalmente dar as mãos, e estava inaugurado o diapasão da Nova República.

A despeito da missão democrática (VILLAÇA, 1986b), o meio escolhido para a tarefa era, no entanto, um fim em si mesmo: o mercado valeu-se dos esforços de justiça, e os ganhos sociais conquistados foram friamente amortecidos a juros. Bem entendido, a realização da ideologia tornou apenas o engodo de ontem mais objetivo. Não seria inverossímil supor que, talvez, Villaça concordasse conosco: encerrado o primeiro turno de apostas políticas, o autor tornou-se mais uma vez cético, colocando em suspenso os rumos do assim chamado planejamento urbano popular (VILLAÇA, 2005, 2007, 2008, 2009, 2015). Por nossa parte, pedimos permissão para um breve arremate no argumento do autor: não fosse porque a experiência continuava “técnica” demais, e sim porque ela realizou politicamente sua própria contradição; malgrado suas expectativas, encaminhadas pelos trilhos do mercado, os interesses populares só podiam vir mesmo a reboque.

Ao cabo da última frustração, mais objetiva que ideal, e democrática antes de mais nada, os escritos de Villaça encerram finalmente o ciclo de ilusões, colocando à frente de sua teoria o compromisso político com o destino dos explorados. Um grande legado para a próxima geração.

## Referências bibliográficas

- ARANTES, Paulo Eduardo. “1964: o ano que nunca terminou”. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir. **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010. (pp. 205-235).
- ARANTES, Paulo Eduardo. “Estado de Sítio”. In: **Extinção**. São Paulo: Boitempo, 2007 (pp.153-166).
- FAUSTO, Ruy. “Abstração real e contradição”. In: **Marx; Lógica & Política**. Tomo I. São Paulo: editora brasiliense, 1983. (pp.89 – 140).
- GOODALL, Brian. **The Economics of Urban Areas**. Oxford: Pergamon Press, 1972
- GRESPLAN, Jorge. **Marx e a crítica do modo de representação capitalista**. Boitempo: São Paulo, 2019.
- HARVEY, David. “O trabalho, o capital e o conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas” [Trad. Flávio Villaça]. **Espaço e Debates**, n.6, São Paulo, jun/set. 1982 [1976]. (pp.6-35).
- HOOVER, Edgar M. **The envolving form and organization of the metropolis**. LEAHY, William H.; MCKER, David L.; DEAN, Robert D. (orgs.). Urban Economics, 1967.
- IANNI, Octávio. “Interdependência e Modernização (1964-1970)”. In: **Estado e Planejamento Econômico no Brasil (1930-1970)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. (pp.217-288).
- LOWRI, Ira S. **Seven models of urban development: a structural comparison**. In. EDEL, Mathew; ROTHENBERG, Jerome. Readings in Urban Economics. Ed. Macmillan, 1972.
- MONTE-MÓR, Roberto Luís. “Planejamento Urbano no Brasil: Emergência e Consolidação”. In: LIMONAD, Ester (org.). **etc: espaço, tempo e crítica** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019 [1980]. (pp.109-142).
- NERY JR., José Marinho. **Um século de política para poucos: o Zoneamento Paulistano 1886-1986**. [Tese de Doutorado] São Paulo: FAUUSP, 2002.
- OLIVEIRA, Francisco de. “Crítica à razão dualista”. In: Idem, **O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003 [1972] (pp.25-120).

- ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e Estrutura de O Capital de Karl Marx**. [Trad. César Benjamin] Rio de Janeiro: Contraponto, 2001 [1968].
- SCHMIDT, Alfred. **El concepto de naturaleza en Marx**. Madrid: Siglo XXI editores S.A., 1977 [1962].
- SINGER, Paul. "O Plano Diretor de São Paulo. 1989-92. A política do espaço urbano". In: MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (org.). **Na sombra da cidade**. São Paulo: Editora Escuta, 1994. (pp.171-226).
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. **Uso do solo urbano**. São Paulo: Fundação Prefeito Faria Lima – CEPAM, 1978a
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. **Estrutura Territorial da Metrópole Sul Brasileira: Áreas Residenciais e Comerciais**. [Tese de Doutorado]. São Paulo: FFLCH, 358p.,1978b.
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. "Organização do espaço nas áreas metropolitanas brasileiras". In: SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO INTERIOR. **Simpósio sobre desenvolvimento urbano – seminário sobre "shopping centers"**. São Paulo: CEPAM, 13p., 1973a.
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. **O uso do solo urbano**. São Paulo: Setor de Planejamento Local Integrado do CEPAM, 1973b.
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. **A localização como mercadoria**. São Paulo: CEPAM, 16p., 1980.
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. "A Terra como Capital (ou a Terra-Localização)". **Espaço & Debate**, n.16, pp.5 -14, 1985.
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. "A terra urbana". In: **O que todo cidadão precisa saber sobre habitação**. São Paulo: Global, pp.115 -120, 1986a.
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. "As regiões metropolitanas e a Constituinte". **Espaço e Debates**, n.19, ano VI, pp.80 - 85, 1986b.
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. **Sistematização crítica da obra escrita pelo prof. Dr. Flávio Villaça sobre espaço urbano**. [Tese de Livre Docência]. São Paulo: FAUUSP, 1989.
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. "A crise do Planejamento Urbano". **Perspectiva**, São Paulo, vol. 9, n.2, abril/junho, 1995.
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: SP Studio Nobel, 2001 [1998].
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. "Efeitos do espaço sobre o social na metrópole brasileira". In: SOUZA, Maria Adélia de. Et al. (orgs.). **Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo**. São Paulo: CEDESP, 1999a. (pp.221-237).
- VILLAÇA, Flávio. "Dilemas do Plano Diretor". In. **O município no século XXI: cenários e perspectivas**. São Paulo: Fundação Prefeito Faria Lima – CEPAM, 1999b. (pp.237 – 247).
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. "Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil". In. DEAK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (orgs). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2010 [1999]. (pp.164-244)
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. **Brecht e o Plano Diretor**. São Paulo, 2005. [Originalmente divulgado em: <http://www.flaviovillaca.arq.br/>].
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. "Prefácio". In. FIX, Mariana. **São Paulo cidade global: fundamentos financeiros de uma miragem**. São Paulo: Boitempo, 2007. (pp.7-11).
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. "Estado e Lutas Sociais: intervenções e disputas no território" Entrevista concedida à AMBIENS, no contexto que antecede o Seminário Política e Planejamento. **PPLA, perguntas e respostas**, 2008.
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. "A solução para a moradia está na terra e isso ainda está sendo ignorado". **Minha Casa, Meu imóvel**. São Paulo, v.4, n.40, pp.14 -18, outubro de 2009
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. **Reflexões sobre a cidade brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 2012.
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. 24/04/2015, "Capitalismo transformou a localização da terra em mercadoria". **Uol**, Coluna Opinião. (Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/opiniaocoluna/2015/02/24/capitalismo-transformou-a-localizacao-da-terra-em-mercadoria.htm>)